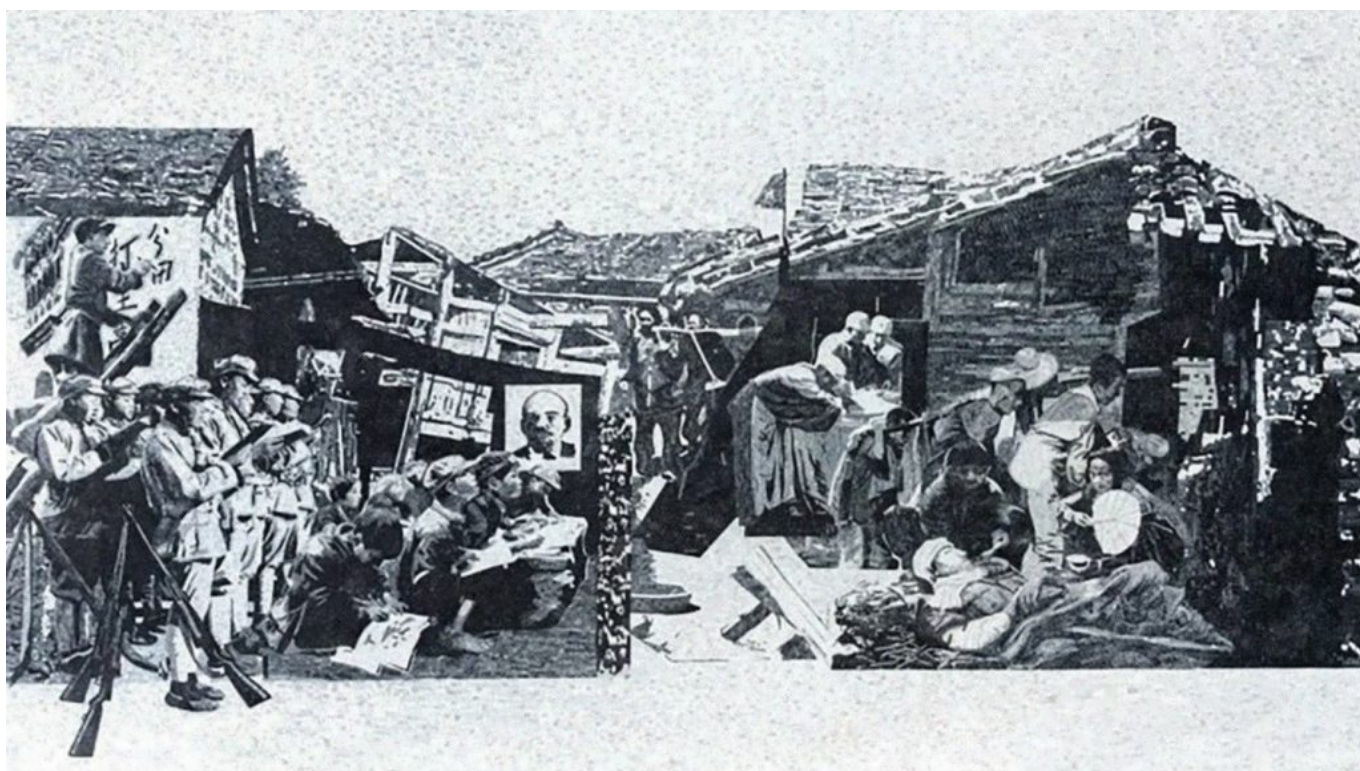


Uma caminhada ao longo da nova cidade sustentável da China | Carta semanal 40 (2024)



Ye Wulin (China), 红星颂 (Ode à estrela vermelha, detalhe), 2015.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Setenta e cinco anos atrás, em 1º de outubro de 1949, Mao Zedong (1893-1976) anunciou a criação da República Popular da China (RPC). É importante observar que o Partido Comunista da China (PCCh) não nomeou o novo Estado como República *Socialista*, mas sim como República *Popular*. Isso porque Mao e o PCCh não previam que a China seria imediatamente conduzida ao socialismo; em vez disso, o país estava embarcando no *caminho* para o socialismo, um processo que provavelmente levaria décadas, se não um século. Isso ficou muito claro para as pessoas que começaram a moldar o novo Estado e a nova sociedade. A República Popular teria que ser construída a partir das brasas de uma guerra muito longa, que começou quando os japoneses invadiram o norte da China em 1931 e que durou 14 anos, tirando a vida de mais de 35 milhões de pessoas. “De agora em diante, nossa nação pertencerá à comunidade das nações do mundo que

amam a paz e a liberdade”, disse Mao na primeira sessão plenária da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, em 21 de setembro de 1949. A nova China, continuou ele, “trabalhará com coragem e diligência para promover sua própria civilização e bem-estar e, ao mesmo tempo, promover a paz e a liberdade mundiais. Não seremos mais uma nação sujeita a insultos e humilhações. Nós nos levantamos”.

As palavras de Mao ecoaram os sentimentos dos movimentos anticoloniais de todo o mundo, inclusive os dos líderes de movimentos que não eram socialistas, como Jawaharlal Nehru, da Índia, e Gamal Abdel Nasser, do Egito. Para eles, o processo de descolonização exigia paz e igualdade mundial para que os povos do mundo anteriormente colonizados pudessem se erguer e construir suas vidas com dignidade. Ler e refletir sobre essas palavras em 2024 nos permite apreciar tanto os avanços feitos pelos povos do mundo, desde 1949, quanto a obstinação das antigas potências coloniais que há muito tempo tentam impedir a construção desse novo mundo. O genocídio estadunidense-israelense em curso contra os palestinos e o bombardeio do Líbano refletem a barbárie à qual as potências coloniais estão dispostas a recorrer ao tentar nos prender a esse passado que queremos transcender. As atitudes e as guerras impostas pelas antigas potências coloniais nos desviam da construção de nossa “própria civilização e bem-estar” e da promoção da “paz e liberdade mundiais”. As palavras de Mao, que na verdade são as palavras de todos os povos que saíram do colonialismo, oferecem ao mundo uma escolha: ou vivemos como adversários, com nossos recursos investidos em guerras sem sentido, ou construímos uma “comunidade de nações do mundo que amam a paz e a liberdade”.



Ye Wulin (China), 红星颂 (Ode à estrela vermelha, detalhe), 2015.

A **expectativa de vida** média na RPC – 77 anos – excede a média global em quatro anos, percorrendo um longo caminho desde 1949, quando esse número era de apenas 36 anos. Esse é um dos muitos indicadores de uma sociedade que prioriza o bem-estar das pessoas e do planeta. Outro ponto foi explicado a mim por uma autoridade chinesa há alguns anos, que me contou como seu país planejava criar uma economia pós-

combustível fóssil em breve. A palavra “em breve” me gerou interesse. Perguntei-lhe como seria possível fazer algo dessa natureza tão rapidamente. Ele começou a me falar sobre a importância do planejamento e da mobilização de recursos, mas, quando percebeu que eu não estava perguntando sobre a estratégia para essa nova economia, mas sobre o prazo, disse que isso poderia ser feito “na próxima metade do século, talvez, se trabalharmos duro, até [2049,] o centésimo aniversário da formação da RPC”. A confiança na RPC permite esse tipo de planejamento de longo prazo, em vez das compulsões de curto prazo impostas aos Estados pela lógica do capitalismo. Essa atitude de longo prazo permeia a sociedade chinesa e permite que o CPC se dê ao luxo de aproveitar recursos e planejar décadas no futuro, em vez de apenas meses ou anos.

Foi esse tipo de pensamento que tomou conta dos administradores da cidade de Pequim há mais de 20 anos, quando o rápido crescimento dos automóveis na capital e a queima de carvão para gerar calor envolveram a população em uma poluição tóxica. Os planos quinquenais nacionais para **2001-2005** e **2011-2015**, bem como o próprio Plano Quinquenal de Ação para o Ar Limpo de Pequim (**2013-2017**), deixaram claro que o crescimento econômico não poderia ignorar o meio ambiente. Os administradores da cidade começaram a centralizar seu planejamento em torno do transporte público e dos corredores de trânsito baseados em um projeto urbano chinês mais antigo, que construía lojas e prédios de apartamentos de forma a promover a locomoção a pé em vez do automóvel. Em setembro de 2017, a cidade estabeleceu **zonas de baixa emissão** para impedir a entrada de veículos poluentes em Pequim e criou incentivos para o uso de veículos de energia nova, movidos a energia elétrica. A China **possui** 99% dos 385 mil ônibus elétricos do mundo, dos quais 6.584 estão nas ruas de Pequim. Embora ainda haja um longo caminho a percorrer para que o ar de Pequim atenda a seus próprios padrões, a toxicidade do ar diminuiu visivelmente.



Fan Wennan (China), 嫦娥同志 (Comarada Cháng'é), 2022.

No discurso de fundação da RPC em 1949, Mao declarou que um dos objetivos da RPC seria promover o bem-estar do povo. Como é possível fazer isso em um sistema mundial neocolonial que reforça a dependência das nações mais pobres em relação às antigas potências coloniais? Na cadeia de produção global, as nações mais pobres produzem bens a um custo mais baixo, com salários e consumo suprimidos, o que permite que as corporações multinacionais (MNCs) vendam *commodities* por preços mais altos em todo o mundo e obtenham lucros maiores. Esses grandes lucros são investidos pelas multinacionais para desenvolver novas tecnologias e

forças produtivas que reforçam a subordinação permanente das nações mais pobres. Se uma nação pobre exporta mais mercadorias na tentativa de obter retornos mais altos, ela simplesmente se aprofunda em uma espiral de padrões de vida cada vez mais baixos para seus trabalhadores explorados e em uma armadilha de dívidas da qual simplesmente não pode sair. Uma coisa é ser capaz de planejar, mas como se adquire os recursos para executar um plano?

No Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, estamos analisando de perto a experiência da China e de outros países do Sul Global que tentaram sacudir essa gaiola da **dependência**. Como Tings Chak e eu mostramos em um **artigo** sobre o 75º aniversário da RPC, em suas primeiras décadas, a China mobilizou todos os recursos mínimos disponíveis, incluindo a assistência da União Soviética, para construir um novo sistema agrícola contra o latifúndio, criar um sistema educacional e de saúde que melhorasse a qualidade de vida da população e lutar contra as hierarquias condenáveis do passado. Essa primeira fase, de 1949 até o final da década de 1970, dotou a China de uma cultura muito mais igualitária e de uma população muito mais educada e com melhor saúde do que a de outros Estados pós-coloniais. Foi o compromisso do PCCh de transformar a vida das pessoas que criou essa possibilidade. Na segunda fase, de 1978 até hoje, a China usou sua grande força de trabalho para atrair investimento e tecnologia estrangeiros, mas o fez de forma a garantir que a ciência e a tecnologia fossem transferidas para a China e que o controle do Estado sobre as taxas de câmbio permitisse que o PCCh aumentasse os salários (que melhoraram com a Lei de Contrato de Trabalho de 2008), evitasse a armadilha da renda média, aprimorasse as capacidades tecnológicas e levasse as empresas estatais a desenvolver sistemas produtivos de alta tecnologia. Isso é o que explica, em grande parte, o rápido crescimento que a China teve nas últimas décadas e sua capacidade de elevar o **bem-estar** de sua população e de seu meio ambiente dentro da estrutura geral do sistema mundial neocolonial.



FanWennan (China), 中国2098: 欢迎回家 (China 2098: Bem-vindos à casa), 2019-2022.

Em abril de 2017, a Nova Área de Xiong'an (cerca de 100 quilômetros ao sul de Pequim) foi oficialmente estabelecida para acomodar cinco milhões de residentes a fim de aliviar o congestionamento emergente em Pequim, cuja população crescente de 22 milhões enfrenta sérios problemas. Isso está sendo feito, por exemplo, com a absorção de muitas das instituições não governamentais atualmente localizadas na capital (entre elas, instituições de pesquisa, de ensino superior, médicas e financeiras). Uma das principais motivações para a

construção da Nova Área de Xiong'an foi abordar as dificuldades enfrentadas pela capital densamente povoada sem embarcar em uma reconstrução urbana que poderia arruinar o caráter dessa cidade que surgiu pela primeira vez em 1045 a.C.

Para aproveitar as vantagens da nova cidade, as autoridades da RPC estabeleceram uma meta de emissão zero de carbono para a Xiong'an New Area, cuja paisagem é definida pelos tons azul-esverdeados da água e da vegetação, em vez da fumaça cinza de uma selva de concreto. A primeira prioridade no planejamento da cidade foi reabilitar o Baiyangdian, o maior pântano do norte da China. Sua área de água, conhecida como o "rim do norte da China", foi ampliada de 170 quilômetros quadrados para 290 quilômetros quadrados; a qualidade da água foi melhorada de Classe V (inutilizável) para Classe III (potável); e patos mergulhadores da espécie Baer, criticamente ameaçada de extinção, foram colocados na área e agora prosperam no lago. O Baiyangdian é a âncora da cidade.

A Xiong'an New Area está sendo construída como "três cidades": uma cidade acima do solo; uma cidade subterrânea de centros comerciais, transporte e dutos (para cabos de fibra óptica, eletricidade, gás, água e esgoto); e uma cidade baseada em nuvem que fornecerá dados para transporte inteligente, governança digital, inspeção de equipamentos inteligentes, monitoramento de idosos e resposta a emergências. Conforme **relatório** de janeiro da Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma da Província de Hebei, a Nova Área de Xiong'an:

cria um espaço ecológico urbano onde a cidade e o lago coexistam, a cidade e a vegetação estejam integradas e as florestas e águas sejam interdependentes. (...) Enfatiza a integração de vias verdes, parques e espaços abertos para criar parques dentro de cidades e cidades dentro de parques, onde as pessoas possam viver e desfrutar da natureza.

Setenta e cinco anos após o início de seu processo revolucionário, a China realmente fez rápidos avanços, embora tenha que resolver os muitos problemas novos que surgiram (sobre os quais você pode ler na edição internacional da revista *Wenhua Zongheng* ou 文化纵横). A façanha da China de sacudir as correntes da dependência é digna de um debate detalhado, talvez durante uma caminhada ao longo do lago Baiyangdian, na Nova Área de Xiong'an.

Cordialmente,

Vijay.